

RESENHA / *REVIEW*

Encontros e desencontros entre Bourdieu e o marxismo

*Meetings and disagreements between
Bourdieu and marxism*

BURAWOY, Michel. *O marxismo encontra Bourdieu*. Tradução Fernando Rogério Jardim. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. 183p.

Poucos são os nomes que conseguem o feito de se colocar ao lado dos “pais fundadores” das Ciências Sociais – Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim – como obras de referencia. Pierre Bourdieu é um deles.

Uma atenção mais detida sobre os cursos de Ciências Sociais no Brasil revelará algo que os docentes já estão constatando: o ex-professor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e do *Collège de France* está presente como referencia na maioria dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC’s). Bourdieu cada vez mais se torna um “Clássico”, assim como os “pais fundadores”, cuja leitura e reflexão se tornam imprescindíveis para a plena formação do Cientista Social.

O autor nasceu em 1930, formou-se em Filosofia, mas foi na Sociologia que encontrou sua plena realização como intelectual, estudando a sociedade contemporânea nas suas mais variadas facetas, utilizando vários métodos de investigação desde *survey’s*, passando por análises quantitativas densas até entrevistas e observações participantes, ele se debruçou em entender que os grupos sociais não eram apenas influenciados por aspectos políticos-econômicos-sociais, mas também por aspectos culturais (talvez sua maior contribuição), demonstrando inclusive que as estruturas sociais são reproduzidas tanto por meio da

“manipulação” de normas quanto pela “introjeção” nos sujeitos e a reatualização dessas por estes.

Bourdieu faleceu em 2002, mas seus escritos estão cada vez mais vivos, não só os alunos de graduação em Ciências Sociais do Brasil estão se interessando por esses como também intelectuais da envergadura de Michel Burawoy, sociólogo marxista-gramsciano, professor da Universidade da Califórnia (Berkeley – EUA), com destacado trabalho na área de Sociologia do Trabalho¹.

Michel Burawoy publicou no Brasil seu mais recente trabalho “O marxismo encontra Bourdieu” fruto de uma “brincadeira desprentensiosa”, como o autor faz questão de deixar claro no seu prefácio, com seu amigo Erik Olin Wright, do *Havens Center* de Wisconsin, para que ele dirigisse uma série de seis seminários públicos sobre os escritos de Pierre Bourdieu. O *Havens Center*, para os não familiarizados, foi um dos locais onde muitos intelectuais de esquerda se reuniam para discutir seus textos, inclusive o próprio Bourdieu.

Mas desde já cabe uma grande pergunta: Bourdieu era marxista ou não? A resposta para aqueles que lêem suas obras sabem que não é fácil, principalmente por ele ser Bourdieu. O que quero dizer com isso, é que os escritos de Pierre Bourdieu não são um “passeio”, são complexos e exigem um grau ascendente de maturidade intelectual, talvez pela necessidade de afirmação da Sociologia no campo acadêmico francês, o autor escreveu com alto grau de erudição, advindo do estilo retórico da Filosofia, para que sua disciplina obtivesse o reconhecimento e prestígio dentro da academia, local visto por ele como reduto por excelência do intelectual. Várias vezes esta pergunta foi feita a ele e deixemos o próprio responder:

Acho que é possível pensar com Marx e contra Marx ou com Durkheim contra Durkheim, e também, é claro, com Marx e Durkheim contra Weber, e vice-versa. É assim que funciona a ciência. Consequentemente, ser ou não marxista é uma alternativa religiosa e de modo algum científica (Bourdieu, 2004, p. 65-66).

Pierre Bourdieu foi e continua sendo um grande intelectual que não se furtou a ultrapassar as barreiras teóricas e metodológicas para

¹ Burawoy estudou os trabalhadores nos EUA e na Inglaterra e verificou a existência de três regimes de produção sucessivos: Regime Despótico, Regime Hegemônico e Regime Despótico Hegemônico. Para maiores detalhes ver: BORAWOY, Michel. As transformações dos regimes fabris no capitalismo avançado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.º. 13, 1990, p. 29-50.

entender suas indagações. Mesclando idéias e princípios, seus textos refletem Marx, Weber e Durkheim e outros autores, como Norbert Elias, que somente agora estão sendo estudados com a devida reverência que suas ideias têm. Então, tentar enquadrar Bourdieu numa corrente teórica, perfilhando ele a um dos “pais fundadores” das Ciências Sociais é uma enorme falácia.

E neste sentido “O marxismo encontra Bourdieu” é uma obra de referência para entender a posição de Pierre Bourdieu quanto às idéias e autores de filiação marxista, suas 183 páginas estão divididas em 6 capítulos, sendo que os cinco primeiros ganharam como subtítulo o substantivo “encontro”, o último o verbo “herdar”.

Os autores que se “encontraram” com Bourdieu são Karl Marx, Antonio Gramsci, Michel Burawoy, Franz Fanon e Simone de Beauvoir e a “herança” ficou com Charles Wright Mills, o autor do livro deixa claro desde sua introdução que se trata de encontros hipotéticos, realizado com base apenas nos textos de cada pensador com a finalidade de realizar “conversações reprimidas entre Bourdieu e o marxismo”. Cada um deles recebeu um capítulo no livro, um “encontro”, pode se dizer, uma oportunidade de “acerto de contas” com Pierre Bourdieu, não que Michel Burawoy seja tendencioso em seu livro, muito pelo contrário, mas coloca as principais críticas e visões de Bourdieu frente à frente com os intelectuais que critica, a exceção de Mills, por quem nutria uma certa reverência, e o próprio Burawoy de quem não ouvira falar.

O primeiro capítulo de “O marxismo encontra Bourdieu” não poderia ser diferente, um “diálogo” com o próprio pai da teoria: Karl Marx. É apresentada a semelhança entre Bourdieu e Marx quanto à origem intelectual na Filosofia, a qual ambos acabam por criticar a postura que seus “colegas” filósofos estavam tendo quanto ao distanciamento da realidade. O primeiro ponto alto do capítulo é perceber que ambos estão engajados em desvelar a dominação sobre os sujeitos. O pensador alemão chama a atenção para o lado econômico dessa dominação, enquanto que o francês para o lado simbólico. No entanto, o segundo ponto alto é perceber que aí reside a distinção entre as idéias. Embora Marx e Bourdieu acreditem que as concepções de dominação provenham das visões da classe dominante, o primeiro trabalha com ela dentro da estrutura, enquanto o segundo dentro da superestrutura. Isso poderia até soar como um jogo de palavras – poderia – mas se trata do sistema nervoso central de ambos os pensadores. Bourdieu não enxerga apenas o econômico, mas o econômico com o social, o cultural e o simbólico,

ou seja, ele avança para englobar o universo econômico ao universo dos capitais. Marx compreendia o mundo social por meio da relação entre a exploração e a própria produção, na qual as classes sociais estariam hierarquizadas pela sua posição na estrutura produtiva; já para Bourdieu, a posse de capital (econômico, social, cultural e simbólico) é que assinalaria a posição do sujeito na estrutura. Dessa forma, o autor francês dá falência a esse modelo bi-dimensional, apresentando que a divisão do trabalho se daria na posse de um capital. Por fim, a convergência entre os autores está em perceber que as classes sociais são transpassadas por relações de dominação e exploração.

O segundo capítulo é destinado ao teórico que influenciou os escritos do próprio autor do livro: Antonio Gramsci. Logo de início apresenta a similitude da origem rural entre o autor francês e o italiano que saíram cada qual da terra natal em direção aos grandes centros educacionais de seus países (Paris e Turim). Contudo sabemos que a produção mais significativa de ambos nasceu em contextos distintos: a academia e a prisão. Gramsci e Bourdieu se detiveram no estudo da superestrutura, na forma de dominação e reprodução sobre o sujeito, contudo o primeiro acredita no consentimento desta dominação enquanto o segundo, por meio da violência simbólica, defende que há o desconhecimento dessa. Ambos, porém, creditam ao Estado a dominação e reprodução, o primeiro por meio da hegemonia, o segundo por meio do monopólio da violência simbólica. O ponto alto deste capítulo gira em torno do intelectual orgânico. Desde o início do livro, e mesmo na apresentação de “O marxismo encontra Bourdieu”, realizada pelo professor de sociologia da Universidade de São Paulo Ruy Braga, é constantemente reiterado que “Pierre Bourdieu foi o mais importante sociólogo público da segunda metade do século XX”. Isto, para aqueles que compreendem o significado do termo, soará desconfortante. Explico, aqueles que acompanham os escritos de Bourdieu conhecem sua posição quanto ao tema e justamente por isso que Burawoy o coloca em tela para a plena confrontação com Gramsci, aquele que cunhou o conceito. Bourdieu pode ser considerado um intelectual tradicional, não acreditava nas capacidades do intelectual orgânico, o que ele chamava de “mito do ‘intelectual orgânico’”, pois acreditava que uma pessoa fora da classe operária não conseguiria refletir os anseios desta e que esta identificação com a classe seria ilusória, já que o intelectual tivera seu *habitus* formado noutra classe, além do mais, uma relação estreita com a classe maculária o conhecimento científico com valores da classe trabalhadora. Neste ponto reside o principal contraste entre os pensadores, enquanto Pierre

Bourdieu acreditava na academia como reduto do bom senso, Antonio Gramsci o via na experiência da classe trabalhadora. Mas quase ao final de sua vida, Bourdieu não discursava e tomava posição pública quanto ao neoliberalismo, a globalização e as políticas de mercado? Ele não se reunia em “piquetes” e conversava com operários? Não se dedicou a preservação dos Direitos Humanos? Aqui reside, podemos dizer, um dos “Calcanhares de Aquiles” do sujeito Pierre Bourdieu, neste ponto verificamos certa ambigüidade entre a lógica da teoria e a lógica da prática. Por mais que ele acreditasse que tais esforços eram inúteis, o via como um agente que proporcionava o “desbloqueio” do debate público. Assim, Bourdieu, ao findar sua vida, hibridizava o intelectual tradicional, que fala dentro e para a academia, com o intelectual orgânico, para a massa.

Mas a confrontação entre Bourdieu e Gramsci ainda não findara, no terceiro capítulo o próprio Burawoy se apresenta “diante” de Pierre Bourdieu. O autor do livro “O marxismo encontra Bourdieu” confessa em seu prefácio que não simpatizava com os escritos de Bourdieu, mesmo sem os ter lido com profundidade, mas que, em virtude do seminário que teria que conduzir, iria encarar o sociólogo francês de outra forma, já que o marxismo perpassava a obra de Pierre Bourdieu, sendo pouco reconhecido, colocaria o crítico frente às idéias marxistas e isso incluiria o próprio Michel Burawoy. Neste capítulo o ponto alto centra-se na discussão sobre a (falsa) consciência dos trabalhadores. Como gramsciano, Burawoy coloca o conceito de hegemonia frente ao de violência simbólica de Bourdieu para evidenciar a limitação de ambos na pesquisa sobre a classe trabalhadora das fábricas (tanto no lado capitalista, nos EUA, como no lado socialista, na Hungria). O primeiro conceito traz a figura do intelectual orgânico que desenvolveria o “bom senso” nos trabalhadores enquanto o segundo conceito revelará que não existe “bom senso” neles, apenas o “mau senso”. Burawoy vê vantagens e desvantagens em ambos os conceitos e somente quando “transcendidos” podiam revelar a consciência da classe trabalhadora. Michel Burawoy vê limitação no conceito de hegemonia quanto à duração da dominação, que Bourdieu explica, e no conceito de violência simbólica, pois não evidencia empiricamente a “profundidade” desta violência, que Gramsci consegue. Sendo assim, Burawoy aplicará seu conceito de “fabricação do consentimento”, em que apresenta a existência de estruturas e instituições que operariam sobre os trabalhadores para que esses colaborassem para a reprodução do modo capitalista. O conceito de Gramsci não reconhecia a “mistificação da exploração” em

que se fundamenta a colaboração à dominação, enquanto o de Bourdieu não acreditava na consciência da classe trabalhadora, pois ela seria frágil demais para entender a violência simbólica. Para Michel Burawoy, a mistificação é um “produto” da estrutura, mas nunca profundamente “inculcada” para não ser desfeita e refeita, isso não significa que o autor desqualifique o *habitus* ou negue sua existência, mas o apresenta como agindo no interior dos sujeitos na relação e harmonização entre o *habitus* e o campo.

O quarto capítulo foi dedicado à relação publicamente conturbada entre Bourdieu e Franz Fanon. O autor apresenta a formação dos dois e como ambos vieram a se relacionar com a Argélia. Contudo, a antipatia de Bourdieu para com Fanon se dá na relação da tensão argelina, ambos escreveram livros sobre a antiga colônia francesa na África, cada um, a seu modo. O ponto alto do capítulo se dá na identificação da principal diferença entre ambos: o papel dos intelectuais na revolução argelina contra a França. Fanon defendia em seus escritos que os intelectuais exerceriam função primordial na revolução e Pierre Bourdieu, como já podemos ver, não compactuava com a idéia de um intelectual orgânico. Bourdieu defendia que a classe trabalhadora era a classe revolucionária, enquanto que Fanon, mas engajado na luta revolucionária, identificava que esta tarefa estava relacionada ao campesinato. Mesmo assim, os escritos de Fanon e Bourdieu se aproximam à medida que ambos percebem o colonialismo como um sistema de violência que não se limita a dominação, mas avança também para a segregação.

O quinto e último dos capítulos denominados de “encontros” foi reservado a Simone de Beauvoir. Podemos dizer que um dos “deslizes” mais graves da trajetória de Pierre Bourdieu foi com o “Segundo sexo”, livro de Beauvoir. Bourdieu, por motivo que julgou suficientemente forte (a submissão de Beauvoir na relação para com Sartre, ou seja, uma vítima da violência simbólica), a excluiu e a seu livro da reflexão que escreveu sobre “A dominação masculina”, escrito 50 anos depois de o “Segundo sexo” de Beauvoir, sendo que o “Segundo sexo” apresenta mais profundidade no estudo da relação entre homens e mulheres que o livro de Bourdieu e Michel Burawoy fez questão de delinear a substancial contribuição dela nos estudos de gênero.

O sexto e último capítulo de “O marxismo encontra Bourdieu” se destina a perceber a grande semelhança entre Charles Wright Mills e Pierre Bourdieu. Com o subtítulo “Bourdieu herda Wright Mills”, revela que Mills foi o “Bourdieu estadunidense”, quase meio século antes de Pierre Bourdieu, pois ambos se relacionavam com teorias marxistas,

tomando-as de empréstimos, sem, contudo, se filiarem a ela. Mills e Bourdieu se apóiam igualmente em Max Weber quando deitam suas preocupações quanto à dominação, suas características e conseqüências. Defendem, inclusive, a idéia do intelectual “tradicional”, em oposição ao conceito gramsciano de intelectual orgânico. E as semelhanças não terminam aí, ambos tiveram posturas públicas quanto a temas correntes na época, criticando o imperialismo, como fizera Mills ou a globalização, no caso de Bourdieu.

Depois de 10 anos de sua morte, Pierre Bourdieu cada vez mais se torna uma figura merecedora da atenção das Ciências Sociais, incluindo a História, para descortinar novos problemas e métodos de investigação. O livro de Michel Burawoy é um convite ao encontro desta figura prodigiosa que foi Bourdieu, evidenciando o grande pensador que não se olvidou a se relacionar com áreas e teóricos distintos para a elucidação de seus problemas de pesquisa, bem como com os dilemas econômicos, políticos, sociais e culturais de seu tempo.

Referência

BORAWOY, Michel. As transformações dos regimes fabris no capitalismo avançado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 13, p. 29-50, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Pontos de referências. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Tradução Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 49-73.

José Carlos da Silva Cardozo

Doutorando em História Latino-Americana (UNISINOS).
Bolsista Capes/MEC. E-mail: <jcs.cardozo@gmail.com>.

Submetido em 18/03/2012.

Aprovado em 15/05/2012.